

## GT20: ANTROPOLOGIA ENGAJADA: relatos de pesquisa sob as perspectivas teórico-metodológicas e éticas

Fernanda Valli Nummer, Maria Cristina C de C França

No Brasil, a Antropologia ainda procura ampliar sua visibilidade através do aumento crescente em enfoques no envolvimento da pesquisa na prática das transformações do mundo social. Esse forte apelo tem sido envolvido em questões teórico metodológicas denominadas de antropologia engajada, antropologia aplicada, antropologia prática, entre outros. Na antropologia americana, que tem orientado essas reflexões, os autores distinguem uma série de formas de envolvimento: partilha e apoio nos cotidianos das interações do trabalho de campo; ensino e educação pública; crítica social; participação e liderança colaborativa durante o trabalho de campo; em ações judiciais como testemunha especializada; e o ativismo que tem como base a ideia de que o antropólogo tem compromissos como cidadão quando confrontado com as violações ou sofrimento de outros (Low; Merry, 2010). Nos casos das pesquisas antropológicas reconhecidamente engajadas, os dilemas da ciência antropológica brasileira, em tempos de decolonialidades, emergem com novas questões em discussão. O GT busca analisar consensos e particularidades que envolvem pesquisas de campo engajadas na antropologia brasileira. A interação entre pesquisador e seus interlocutores na pesquisa etnográfica é, por vezes, muito prolongada e envolve afinidades significativas aos sujeitos do processo, quando e como podemos chamar nossos estudos antropológicos de "engajados" na atualidade?

### **Vozes de Encruzilhadas Indianas**

**Autoria:** Marcos Silva da Silveira

Meu desafio é como incorporar "vozes subalternas" (Spivak:2010) dentro de uma produção de conhecimento antropológico. Durante a minha formação em pós graduação em Antropologia, nos anos 90, realizei, na UNB, mestrado sobre a História das Umbandas e Candomblés no DF e um doutorado sobre o centenário do fundador do movimento Hare Krishna, acompanhando a delegação brasileira deste Movimento religioso até à Índia, em 1996. Durante o meu campo com os devotos Hare Krishna, entre 1994 e 1997, acabei me tornando o "Bhakta Marcos de Brasília", simultaneamente um tipo de etnógrafo e um tipo de devoto, possíveis e necessários neste campo. Entre as duas pesquisas havia uma outra presença. Para a Umbanda, o meu guia espiritual é o líder da falange do "Povo da Índia". Reconhecendo-o como uma outra consciência, externa a minha, em seus próprios termos, entendo que estive na Índia sob sua orientação nessa pesquisa do Doutorado, o que me coloca, neste momento, na intenção de trazer essas vozes, num movimento fundamental para o entendimento destas experiências junto a esse enorme universo cultural, onde o reconhecimento dos sujeitos simbólicos se faz necessário. Só pude pensar todas estas questões a partir do atual debate Decolonial. Neste sentido, uma das abordagens mais frutíferas surgidas no Brasil, vem a ser a de dois autores Umbandistas, Luís Rufino e Luiz Antonio Simas, sintetizada na ideia da "pedagogia das encruzilhadas" (2019). Partindo da força simbólica de Exu, senhor dos caminhos e das encruzilhadas, eles propõem uma visão decolonial desta religiosidade e da experiência afro indígena no Brasil. Uma força que desloca e dissocia os cânones consagrados do pensamento ocidental que também informam a antropologia brasileira. Pois é nas encruzilhadas onde tudo se cruza e pode se cruzar: a Antropologia com a Umbanda; A Índia com o Brasil; Exu com Shiva, a Makumba com o Trantrismo. Trazendo a noção de Rita Segato (2021) de uma "Antropologia por demanda", para este traçado, posso entender essa "demanda", a partir das Religiões de Matriz Africana, como uma necessidade de reconstituir identidades fragmentadas, num processo intelectual de reparação em seus termos simbólicos. O ponto a ser trabalhado é o que Luena Nunes Pereira

(2020) problematiza sobre a posição de antropólogos/as negros/as na antropologia brasileira. Para além de um modelo abstrato de antropólogo universal, branco e ocidental, não está em jogo apenas reivindicar outras identidades, mas redefinir o que se entende por alteridade e propor novas formas de conhecimento, novas epistemologias. A partir de Luiz Rufino (2019) é possível afirmar que os saberes, como os "encantados", são forças cósmicas que incorporam novas possibilidades de vida, também através de seus autores.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

